



**Organização  
Pan-Americana  
da Saúde**



**Organização  
Mundial da Saúde**  
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS **Américas**

## **60º CONSELHO DIRETOR**

### **75ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS**

*Washington, D.C., EUA, 25 a 29 de setembro de 2023*

---

CD60/DIV/2  
Original: inglês

**PALAVRAS DE ABERTURA DO PRESIDENTE CESSANTE DO CONSELHO DIRETOR DA OPAS,  
EXMO. DR. CHRISTOPHER TUFTON,  
MINISTRO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR DA JAMAICA**

---

**PALAVRAS DE ABERTURA DO PRESIDENTE CESSANTE DO CONSELHO DIRETOR DA OPAS,  
EXMO. DR. CHRISTOPHER TUFTON,  
MINISTRO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR DA JAMAICA**

**25 de setembro de 2023**

**60º Conselho Diretor  
75ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Diretor da Repartição Sanitária Pan-Americana, Dr. Jarbas Barbosa da Silva  
Secretário de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos da América, Exmo. Sr. Xavier Becerra  
Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Exmo. Sr. Ilan Goldfajn  
Secretária de Acesso a Direitos e Equidade da Organização dos Estados Americanos,  
Exma. Sra. Maricarmen Plata  
Diretora-Geral Adjunta de Relações Externas e Governança da Organização Mundial da Saúde,  
Exma. Dra. Catharina Cora Boehme  
Diretora Adjunta da Repartição Sanitária Pan-Americana, Sra. Mary Lou Valdez  
Prezadas senhoras e senhores

Muito bom dia a todos.

Aproveito a oportunidade para dar-lhes as boas-vindas ao 60º Conselho Diretor da Organização Pan-Americana da Saúde, um espaço ímpar para promover o trabalho de saúde pública no interesse das populações da Região das Américas.

Estamos nos reunindo em um momento crítico, em que existem desafios consideráveis a serem enfrentados pela Região e, em particular, pelos pequenos Estados insulares em desenvolvimento (PEID) do Caribe. São desafios que exigem uma atuação em ampla escala, de forma colaborativa e sustentada em várias áreas, envolvendo diversos atores, incluindo os presentes neste recinto.

Senhoras e senhores, creio que estamos à altura da tarefa, com o compromisso demonstrado de proteger a saúde das populações da Região e uma trajetória de parcerias em prol do bem público, incentivados pela preocupação individual e coletiva com as nossas populações e em priorizar o perfil de doenças que passa por uma transformação.

As lições aprendidas com a pandemia de COVID-19 são muitas. A principal é a necessidade de planejar melhor a preparação para a pandemia de influenza. Temos um instrumento importante, a *Estrutura de preparação para uma pandemia de influenza: plano III de implementação de alto nível da contribuição de parcerias, 2024–2030*.

Mas me apresso em acrescentar que os PEID e suas circunstâncias especiais merecem consideração especial devido aos altos níveis de endividamento e à pequena dimensão de seus territórios e, portanto, à falta de capacidade de responder de forma eficaz em uma pandemia sem contar com apoio.

Esta situação, junto com outros agravantes existentes, como a triste realidade dos riscos e ameaças da mudança do clima, indica que os PEID do Caribe devem ter o benefício de receber consideração especial e provisões que permitam aumentar sua resiliência.

A situação é ainda mais urgente visto que não apenas os PEID do Caribe, mas toda a Região das Américas, enfrentam o recrudescimento da epidemia de doenças não transmissíveis (DNTs).

Conforme exposto na recente *Declaração de Bridgetown sobre doenças não transmissíveis e saúde mental de 2023*, a COVID-19 “deixou distinto o vínculo entre saúde e desenvolvimento e expôs as vulnerabilidades do sistema de saúde para pessoas que vivem com DNTs e problemas de saúde mental nos PEID”. Ademais, “a presença de DNTs e fatores de risco relacionados se associaram a maior gravidade e mortalidade dos pacientes com COVID-19”, com a “grave interrupção durante a pandemia” dos serviços de detecção, manejo e tratamento de DNTs e dos serviços de saúde mental.

Isso não apenas ressalta a necessidade de consideração especial e mais provisões aos PEID, mas aponta para a importância das ciências do comportamento como parte da resposta aos muitos desafios que enfrentamos atualmente, do problema colossal das DNTs à recuperação constante pós-pandemia e mudança do clima, com a perspectiva de pandemias futuras, que é uma ameaça clara em potencial.

Os enfoques tradicionais e, em particular, o foco em intervenções clínicas, não surtiram os resultados de que precisamos. Os mais de 70% das pessoas que morrem todos os anos na Jamaica em decorrência, por exemplo, das DNTs — assim como em outros PEID, na Região das Américas e em todo o mundo — são uma prova disso. Defendo, portanto, um esforço coordenado com um enfoque ecossistêmico de saúde centrado no ser humano que atente para uma série de fatores que influenciam o comportamento das pessoas.

Faço uma pausa aqui para elogiar o trabalho da OPAS/OMS com a elaboração do documento conceitual *Comunicação estratégica em saúde pública para promover mudança de comportamento*. Precisamos acelerar o progresso nessa área servindo-se dos avanços dos anos anteriores, como o *Plano Estratégico da Organização Pan-Americana da Saúde 2020–2025* e a *Estratégia e plano de ação sobre gestão do conhecimento e comunicações*.

Precisamos de uma nova estrutura social e comportamental para a atuação na saúde pública, que deve ser culturalmente apropriada, voltada à equidade e ter como prioridades transversais a idade, o gênero e a escolaridade, entre outras variáveis sociais. Ela deve conter, entre outras, disposições sobre análises de big data, comportamentos sociais online, gestão de infodemia e alfabetização digital.

Senhoras e senhores, uma parte necessária da resposta de saúde pública aos desafios existentes e emergentes deve consistir de estratégias de ciências sociais e comportamentais para melhor embasar a tomada de decisão em saúde para as nossas populações.

Para sermos bem-sucedidos, temos que priorizar os recursos humanos de saúde, não somente em número suficiente, mas com as habilidades necessárias para atender às nossas populações e vencer os desafios.

Temos que desenvolver as capacidades dos profissionais de saúde pública, ao mesmo tempo em que expandimos seu número em todo o mundo. A COVID-19 nos ensinou — reforçado pelo recrudescimento das DNTs — que não necessitamos apenas de mais mãos para trabalhar, mas de todas as mãos que pudermos conseguir, mais “mãos” que devemos contratar e capacitar para que, durante o funcionamento de rotina dos nossos sistemas de saúde pública e em uma situação de crise, possamos suprir a necessidade de recursos humanos.

Para que isso aconteça, são necessárias ações deliberadas e inovação com a realização do trabalho com enfoques colaborativos que sirvam aos pacientes e profissionais, a cada Estado Membro e à Região.

Concluindo, cada um de nós, junto com os “coadjuvantes” em cada país, carrega a responsabilidade de proteger a saúde das nossas populações. Sim, existem muitos desafios em saúde pública, e não existem soluções da noite para o dia.

Porém, trabalhar juntos permitindo espaço para externar plenamente e refletir sobre as nossas necessidades inerentes e como solucioná-las tem funcionado bem. A reunião do Conselho Diretor é, e tem sido, um espaço produtivo e seguro para esse tipo de interação.

É fato que, a menos que todos estejamos seguros, nenhum de nós estará seguro. Isso ficou claramente evidenciado durante a pandemia de COVID-19. Assim, espero participar e colaborar com a agenda de trabalho nos próximos dias, visando à boa saúde e ao bem-estar das populações da Região das Américas.

Aproveito também a oportunidade para expressar que foi um prazer ocupar o cargo de presidente e me comprometo a continuar com a máxima dedicação para servir aos PEID do Caribe e toda a Região das Américas.

Obrigado.

---